

Maria Engrácia:

"O trabalhador deve ser visto e escutado como sujeito, não como mero objeto"

Em entrevista ao Informativo Diesat, a Sanitarista e Médica do Trabalho, Maria Engrácia de Carvalho Chaves, falou sobre as causas do crescimento dos casos de agravos à saúde mental no mundo do trabalho. Ela, que também é mestra em Saúde Comunitária, Psicanalista, atual Chefe dos Serviços Técnicos da FUNDACENTRO/Ba, aponta caminhos para minimizar aquilo que vem sendo chamado como "mal do século".

Informativo Diesat - Como se estrutura o trabalho nos dias atuais? Há espaço para que a subjetividade do trabalhador seja acolhida e respeitada, favorecendo a saúde mental, conforme preconiza Freud?

Maria Engrácia - Se considerarmos o panorama da situação econômica atual, com elevados índices de desemprego nas grandes cidades, entendemos que a tendência é que não haja espaço para que a subjetividade do trabalhador possa ser incluída no seu trabalho. O temor do desemprego tem papel fundamental na determinação das formas subjetivas das relações de trabalho. Do lado de quem emprega, a utilização deste "argumento", muitas vezes de forma velada, serve para exigir produção excessiva sob pressão, com ritmo e tempo determinados, sem qualquer possibilidade de participação do trabalhador na concepção, no planejamento e na definição de seu trabalho. Do lado de quem é empregado, sobra a convivência com a competitividade destrutiva e o individualismo, o medo de se colocar, de falar, de reivindicar direitos estabelecidos em lei, ou de adoecer, simplesmente. Com a flexibilização das relações de trabalho, a situação tende a se agravar. Novos riscos começam a emergir, inclusive os invisíveis, como o assédio moral.

ID - Deste modo, podemos entender que a saúde e o sofrimento mental estão relacionados à organização do trabalho?

Maria Engrácia - A forma como o trabalho é organizado, sua maior ou menor flexibilidade, guarda relação com a saúde e o sofrimento mental. Essa flexibilidade pode ser avaliada pelo espaço existente entre o que é prescrito e o que é de fato realizado. É preciso que o trabalhador tenha margem razoável de negociação com a organização do trabalho. Uma maior possibilidade de intervenção sobre a forma como o trabalho é organizado, adaptando-a às suas necessidades e conectando-a à sua subjetividade proporcionaria a obtenção de prazer e satisfação, ao passo que uma organização do trabalho inflexível, por exemplo, com imposição de ritmos de trabalho e desrespeito à autonomia do trabalhador, favoreceria a emergência do sofrimento mental e/ou de doenças psicossomáticas.

ID – Quais os fatores fundamentais para a preservação da saúde mental?

Maria Engrácia – O psicanalista francês Christophe Dejours, pesquisador das relações entre trabalho e saúde mental, resalta alguns fatores protetores da saúde mental, como o estabelecimento de regras em comum acordo, a solidariedade entre os trabalhadores, a ética, a possibilidade de expressão da criatividade e o reconhecimento pelo coletivo de cada sujeito envolvido no processo de trabalho. Estes são elementos imprescindíveis na formação de um sentido do trabalho. Trata-se, portanto, da construção do sujeito. Da passagem do trabalhador do lugar de mero produtor de objetos ou de serviços para o lugar de sujeito, de apropriação do

seu saber. O trabalhador, respeitado como sujeito, poderia dar um sentido interno, psíquico, ao seu trabalho, utilizando-o como possível via sublimatória.

ID – O que a senhora constatou do seu trabalho com psicoterapia em grupo para portadores de LER/Dort?

Maria Engrácia - No grupo de psicoterapia, os fatores que mais se destacaram como desencadeadores de emoções negativas no ambiente de trabalho foram: pressões da chefia, dificuldade de dizer “não” às ordens estabelecidas, impossibilidade de opinar sobre o trabalho, ou seja, falta de autonomia, que deixavam os pacientes mobilizados com sentimentos intensos, com destaque para a raiva e a tristeza. Estes sentimentos, que não podiam ser canalizados através da fala e de atos, se transformavam em tensões que se alojavam no corpo.

ID - A senhora chama a atenção para a necessidade de “se pensar espaços para a fala e a escuta do trabalhador”. Qual o papel dos sindicatos nessa tarefa?

Maria Engrácia - É, exatamente, o momento de pensar como esses espaços podem ser construídos. Parece-me imprescindível que os sindicatos ampliem, cada vez mais, seu campo de atuação e de escuta do trabalhador e da trabalhadora, o que possibilitará um entendimento mais amplo do que venha a ser saúde. Por exemplo, bem-estar também é saúde.

ID - A senhora também aponta a necessidade de responsabilização dos empregadores pelo bem-estar de seus empregados. O que governos e sindicatos devem fazer neste sentido?

Maria Engrácia - Órgãos públicos e sindicatos têm papel relevante na busca de melhores condições de trabalho e de saúde. No momento, a necessidade é de um diálogo profundo acerca do Estado que queremos, junto à sociedade, aos técnicos da área de saúde, entidades de classe, etc., para que possamos construir nosso controle social. Cabe a nós refletir e falar o mais abertamente possível sobre a responsabilização dos empregadores pelo bem-estar de seus trabalhadores. Ao meu ver, um salário básico para a sobrevivência é muito pouco. O ser humano precisa realizar-se, sentir-se útil, ser valorizado e respeitado na sua condição de sujeito. Além disso, penso que uma atuação conjunta entre governo e sindicatos pode dar melhores resultados no sentido de implicar o empregador nas suas responsabilidades.

ID - Por fim, é possível interferir na relação trabalho-saúde?

Maria Engrácia - Sem dúvida. É um movimento que demanda um grande esforço e trabalho de todos nós que estamos envolvidos na área de saúde do trabalhador e, quanto mais coesos e unidos estivermos, maior a chance de uma interferência na relação trabalho-saúde, favorável aos trabalhadores. O que quero dizer é que o adoecimento não é natural ou inerente ao trabalho; é possível trabalharmos e termos saúde. Sem esquecer do ponto que levantamos de que o trabalhador seja visto, pensado e escutado como sujeito, não como mero objeto ou resto de uma linha de montagem.